

ENTRE PRESTÍGIO E PRECONCEITO: A REALIZAÇÃO DO /R/ RETROFLEXO NO SUL DO PARÁ¹

ENTRE PRESTIGIO Y PREJUICIO: LA REALIZACIÓN DE / R / RETROFLEX EN EL SUR DE
PARÁ

BETWEEN PRESTIGE AND PREJUDICE: THE USE OF / R / RETROFLEX IN SOUTHERN PARÁ

Manoella Gonçalves Bazzo*

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Tânia Ferreira Rezende**

Universidade Federal de Goiás

RESUMO: Os estudos sobre a variante retroflexa [ɹ] se relacionam ao dialeto caipira (AMARAL, 1920) e à trilha das bandeiras, nas regiões do centro-sul brasileiro. Contudo, estudos indicam a ocorrência dessa variante no norte do Brasil (BRANDÃO, 2007; BAZZO, 2012), fenômeno pouco abordado nas pesquisas sociolinguísticas. Essa discussão se apoia nos resultados da pesquisa de campo, de cunho quali-quantitativa, realizada no município de Redenção – Pará, abordando a realização dessa variante entre redencenses. Embasada na Sociolinguística Laboviana, a pesquisa contou com a participação de 12 coparticipantes, cujos relatos foram transcritos, gerando a materialidade empírica do estudo. Constatamos que parte desses(as) coparticipantes avalia negativamente a [ɹ], associando-a ao contexto rural redencense. Outra parte a associa ao contexto agropecuarista da região. Assim, à [ɹ] é agregado prestígio sociolinguístico, relacionado à proposta de reconfiguração do *caipira* (AGUILERA; SILVA, 2015), tomando o produtor rural como índice de uma cultura *country* americana no contexto brasileiro (ALEM, 2005; OLIVEIRA, 2003). PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística variacionista. Variante retroflexa. Paraense. Redenção.

¹ Trabalho apresentado no X Encontro de Sociolinguística, evento on-line ocorrido nos dias 01 a 04 de dezembro de 2020.

* Doutoranda em Estudos de Linguagens, na UFMS; Mestra em Letras e Linguística, área de Estudos Linguísticos, pela UFG; Servidora técnica administrativa em educação da UFT. E-mail: manugbazzo@gmail.com.

**Doutora em Estudos Linguísticos, pela UFMG; Professora Associada da UFG. E-mail: taniaferreirarezende@gmail.com.

RESUMEN: Los estudios sobre la variante retroflexa [ɹ] están relacionados con el dialecto caipira (AMARAL, 1920) y el rastro de las bandeiras, en las regiones del centro-sur de Brasil. Sin embargo, estudios indican la ocurrencia de esta variante en el norte de Brasil (BRANDÃO, 2007; BAZZO, 2012), un fenómeno raramente abordado en la investigación sociolingüística. Esta discusión se basa en los resultados de la investigación de campo, de carácter cualitativo y cuantitativo, realizada en el municipio de Redenção - Pará, que aborda la realización de esta variante entre los residentes de Redenção. Con base en la Sociolingüística Laboviana, la investigación contó con la participación de 12 co-participantes, cuyos informes fueron transcritos, generando la materialidad empírica del estudio. Encontramos que parte de estos co-participantes evalúan negativamente la [ɹ], asociándola con el contexto rural de Redenção. Otra parte lo asocia con el contexto agrícola de la región. Así, [ɹ] se asocia al prestigio sociolingüístico, relacionado con la propuesta de reconfiguración del caipira (AGUILERA; SILVA, 2015), tomando al productor rural como índice de la cultura de un país americano en el contexto brasileño (ALEM, 2005; OLIVEIRA, 2003).

PALABRAS CLAVE: Sociolingüística variacionista. Variante retroflexiva. Paraense. Redenção.

ABSTRACT: The studies involving the retroflex variant [ɹ] are linked to the “caipira” dialect (AMARAL, 1920) and to the track of the “bandeirantes paulistas”, in the central southern regions of Brazil. Despite this, studies indicate the occurrence of this variant in the north of Brazil (BRANDÃO, 2007; BAZZO, 2012), a phenomenon still little approached in sociolinguistic research. The discussion is based on the results of a quali-quantitative field research conducted in the town of Redenção - Pará, approaching the occurrence of this variant among citizens of Redenção. Based on Labovian Sociolinguistics, the study had the participation of 12 co-participants, whose reports were transcribed, becoming the empirical materiality of the study. We found that part of these co-participants evaluates negatively to [ɹ], associating it to the rural context of the town. Another part associates it with the agricultural context of the region. Thus, [ɹ] is associated with sociolinguistic prestige, related to the proposal of reconfiguration of the “caipira” (AGUILERA; SILVA, 2015), taking the farmer as an index of an American country culture present in the Brazilian context (ALEM, 2005; OLIVEIRA, 2003).

KEYWORDS: Variationist sociolinguistics. Retroflex variant. Paraense. Redenção.

1 INTRODUÇÃO

A ocorrência da variante retroflexa (doravante [ɹ]) da variável R (<R>), nos estudos linguísticos do Brasil, ganhou destaque a partir da obra *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, publicado em 1920. Desde então, muitos estudos de dialetologia e de sociolingüística têm sido realizados sobre essa variante em diferentes comunidades das distintas regiões do Brasil.

A maior parte das pesquisas sobre o dialeto caipira se dedica a estudar a fala das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país, com o objetivo de identificar características do dialeto caipira nessas regiões (CARREÃO, 2017; AGUILERA; SILVA, 2015; SILVA, 2012; BRANDÃO, 2007; REZENDE, 2005, 2013). A região Norte do Brasil não é considerada trilha do dialeto caipira, ainda que tenha sido trilha das bandeiras, e, por isso, são ainda poucos os estudos sobre o dialeto caipira e especificamente sobre a [ɹ] nessa região. Nos poucos estudos realizados, algumas ocorrências da [ɹ] no Pará e no Tocantins foram apontadas (BRANDÃO, 2007; BAZZO, 2012).

Diante da ocorrência documentada da [ɹ] no estado do Pará, ainda que com baixa frequência de ocorrência, por não estar este estado na trilha do “r caipira”, nos propomos com esta pesquisa abordar a realização da [ɹ] no município de Redenção-PA, com base na Sociolingüística Variacionista (LABOV, 2008). O objetivo da pesquisa foi compreender sociolingüisticamente a realização da variante [ɹ] entre sujeitos redencenses, relacionando sua ocorrência aos aspectos histórico e econômico do município de Redenção.

Para além do caráter puramente linguístico, o tratamento da [ɹ] surge como um importante elemento para a compreensão da realidade linguística e histórica de Redenção. Essa variante se mostra como um campo de conflitos e embates simbólicos na construção de identidades e espaços de participação. Esses conflitos e embates são interpretados e discutidos da perspectiva da decolonialidade, com base em Mignolo (2008, 2009) e Quijano (1992).

No Brasil, a [ɹ] tem sofrido avaliação social negativa, gerando preconceito linguístico, desde Amadeu Amaral (1920), ao ser nomeada

de “r caipira” e ao ser atribuída à fala de “[...] roceiros ignorantes e atrasados” (AMARAL, 1920, p. 1). Labov (2008), em seus estudos sobre o –r pós-vocálico em Nova York também identificou avaliação social negativa em relação à [ɹ].

Em Redenção, considerando a sócio história de sua formação, que envolve diferentes processos migratórios e ciclos econômicos, com a exploração social e ambiental, conflitos agrários, culturais e linguísticos perpassados (ALMEIDA, 2006; BENTES; AMIN, 2005; VAZ, 2013), aventamos a seguinte hipótese: apesar de a [ɹ] ser sociolinguisticamente estigmatizada em outras localidades do Brasil (AGUILERA; SILVA, 2015; OUSHIRO; MENDES, 2013; PAES, 2014; LEITE, 2004), em Redenção, essa variante parece estar agregando uma valoração social positiva, por ser empregada por pessoas de alto poder aquisitivo (ordem econômica), especialmente as vinculadas ao ramo da agropecuária/agronegócio. Esse resultado aponta para um caso de “prestígio encoberto” (LABOV, 2008).

Conforme Roncarati (2008, p. 51), prestígio encoberto é entendido como “[...] um conjunto de normas encobertas que atribuem valores positivos ao vernáculo local e informal”. Aguilera e Silva, em seu estudo sobre o –r pós-vocálico com sujeitos do Triângulo Mineiro, verificaram o fortalecimento da variante retroflexa, por meio da mudança de avaliação social mais positiva, baseada na ideia de “nova configuração do caipira”, especialmente relacionado a “[...] um indivíduo dotado de uma situação financeira consolidada, proprietário de terras e bens que ele faz questão de exibir nos rodeios realizados [...]” (AGUILERA; SILVA, 2015, p. 187).

No resgate histórico do município de Redenção, a [ɹ] se liga ao processo colonizador da região, ao corpo do homem branco centro-sulista e ao fortalecimento de uma cultura hegemônica do agronegócio. Assim, o sujeito que faz uso da variante retroflexa apresenta o prestígio da colonização, especialmente vinculada ao poder econômico, ao mesmo tempo é reconhecido como o *Outro*, o estrangeiro que vem para explorar e dominar, e que aponta a ferida colonial (MIGNOLO, 2009) presente neste espaço. O jogo dicotômico de conflitos envolvendo essa identidade marca a variante sociolinguisticamente dentro desse espaço, sendo palco de disputas e conflitos, e embasa relações de poder e de participação dentro da comunidade.

Com isso, o caminho sociolinguístico de interpretação do fenômeno linguístico se situa na fronteira entre a ocorrência ou não da [ɹ], entrelaçando histórias e relações dos sujeitos com a região Sul do Pará, a partir de seu lugar de participação.

A pesquisa realizada contou com a colaboração de 12 (doze) pessoas nascidas (doravante coparticipantes)² em Redenção, com as quais foram realizadas entrevistas/ encontros para gerar a materialidade empírica. Além do tratamento da variação por meio da análise quantitativa, priorizamos o caráter qualitativo para a interpretação e discussão da materialidade empírica. Justifica-se essa escolha pela relação pretendida entre o aspecto sociolinguístico ao aspecto histórico do município, e pela proposta de desenvolver uma pesquisa que valorize e respeite o lugar de fala (RIBEIRO, 2017) de cada um(a) dos(as) coparticipantes da pesquisa.

Sendo assim, o presente estudo apresenta um caráter inovador com relação aos estudos dessa variante no contexto brasileiro, ampliando o escopo de sua realização para outras regiões dentro do Brasil.

2 OPÇÕES TEÓRICAS

Labov (2008) desenvolve uma proposta teórica e metodológica de estudo da língua falada. Ele institui a abordagem quantitativa para o trabalho com a variação e a mudança linguística, relacionando categorias de ordem social e linguística dentro de uma comunidade de fala. Para o autor, a variação é algo intrínseco e inerente à língua.

Nesse sentido, “[...] a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes” (MOLLICA, 2012, p. 10). O fenômeno é a variável linguística, que pode ser, por exemplo, a realização do /r/ no interior de uma comunidade, ficando assim descrito como variável dependente <R> ou simplesmente <R>. O que determina a ocorrência de uma ou outra variante são as relações entre os grupos de fatores ou variáveis independentes, que “[...] podem ser de

² O estudo respeitou as orientações do Comitê de Ética, com aplicação de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para todos(as) os(as) coparticipantes.

natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência” (MOLLICA, 2012, p. 11).

Com base nisso, um estudo dessa variável numa comunidade pode propor como grupo de fatores sociais (externos à língua) categorias como sexo, idade e escolaridade dos sujeitos; e como fatores linguísticos (internos à língua) a posição da variável na palavra e a classe gramatical. O resultado dessas combinações é o material empírico que caracteriza determinada comunidade de fala. Essa forma de tratamento da variação estabeleceu a Sociolinguística Variacionista, considerando que “[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21).

Uma variável sociolinguística é compreendida para além de sua ocorrência na estrutura linguística, podendo ser definida como um indicador quando traços linguísticos se ligam a grupos socioeconômicos, etários e étnicos, e não recebem julgamentos sociais dos falantes; ou como um marcador sociolinguístico, quando o traço linguístico apresenta estratificação social e estilística; ou ainda como um estereótipo, quando “[...] um pequeno número de marcadores sociolinguísticos ascendem à consciência social explícita [...]” (LABOV, 2008, p. 287). Como exemplo, a variável <R> é um forte marcador para os estudos sociolinguísticos em comunidades espalhadas pelo Brasil. Dentre as diferentes variantes possíveis, no Brasil, a variante [ɹ] ganha *status* de estereótipo, estando relacionada à fala do roceiro goiano e do caipira paulista (REZENDE, 2005, 2013).

Todavia, “[...] apesar de serem estigmatizados, os traços linguísticos estereotipados podem ser muito resistentes e duradouros” (LEITE, 2004, p. 101). Esse tem sido o caso da variante [ɹ], cuja ocorrência tem sido constatada em quase todos os estados do Brasil (BRANDÃO, 2007).

Além disso, algumas variantes recebem avaliações sociais mais positivas, alcançando um prestígio linguístico. Nesse processo, nem sempre a variante de prestígio condiz com a tradição normativa presente na sociedade, apesar das instituições serem uma fonte importante de normatização e valorização sociolinguísticas. Com isso, algumas variantes, mesmo estigmatizadas, podem alcançar o *status* mais positivo dentro de uma comunidade, sendo reconhecido o fenômeno do prestígio encoberto (LABOV, 2008).

Dessa forma, o trabalho com a variação linguística permite aprofundar questões de ordem extralinguística, com a participação de aspectos ligados ao campo simbólico, cultural, histórico, político e econômico de uma comunidade.

3 CARACTERIZANDO O ESPAÇO DA PESQUISA

O município de Redenção está localizado na região Sul do Pará, no Norte do Brasil, a aproximadamente 904 km (novecentos e quatro quilômetros) da capital, Belém. Uma das principais características que se pode destacar sobre esse município é o caráter heterogêneo de sua população. Historicamente, a formação demográfica desta comunidade é marcada pela co-presença conflituosa de povos indígenas, particularmente o povo Mëbêngôkre-Kayapó, e pessoas advindas de diferentes regiões do país. Particularmente, no Sul do Pará, os fluxos migratórios foram um dos principais fatores de expansão demográfica e esses acompanham diferentes momentos históricos da região sul-paraense (ALMEIDA, 2006; BENTES; AMIN, 2005; VAZ, 2013).

Afora os ciclos da madeira e do ouro, impulsionados principalmente a partir de 1960, o grande setor favorecido na região é o agropecuário. Desde a década de 70, o Sul do Pará, como lugar de fronteira amazônica, tem sido espaço de incentivos governamentais, sob o lema “Integrar para não entregar”, estimulando a implantação de grandes fazendas voltadas para a pecuária, e recentemente, para a monocultura da soja (BENTES; AMIN, 2013). Esse setor desempenha grande impacto social, econômico e cultural, favorecendo a constituição das oligarquias e famílias tradicionais no ramo.

De acordo com Carvalho (2018), esse setor tem encontrado diferentes caminhos para perpetuar a lógica de dominação e exploração dentro desse território. A difusão de uma cultura do agronegócio (cultura hegemônica) transforma-se numa das principais manifestações culturais do município.

No âmbito econômico, apesar de ser um município jovem (inicialmente foi vila do município de Conceição do Araguaia, em 1975, sendo emancipada em 1982), Redenção é umas das cidades mais desenvolvidas na região, justificado pelos grandes investimentos recebidos ao longo dos anos, bem como pela sua localização estratégica no processo de colonização da região do Araguaia-Tocantins Paraense³ e de construção de grandes rodovias.

O convívio dos diferentes grupos populacionais torna o espaço paraense e, especificamente, o município de Redenção, um espaço de encontros culturais, sociais e epistêmicos, por vezes, conflituoso e extremamente desigual no que tange ao acesso a garantias de direitos, incluindo o reconhecimento de “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017) para algumas dessas comunidades.

Nesse sentido, Redenção é abordada sob a perspectiva de uma comunidade de participação (CP), indo em direção à proposta de Santos (2002) e Castanheira (2013). A participação é aqui entendida como espaço de construção e envolvimento social nos processos de produção simbólica, na qual a linguagem tem uma importância particular, visto que “a linguagem é entendida como um modo de ser e de estar no mundo e como a significação e a avaliação do modo como as pessoas são e estão no mundo” (REZENDE; SILVA, 2018, p. 176).

A escolha de participação em certos grupos e o sentimento de filiação não são considerados totalmente livres, afinal nem todos os indivíduos possuem o mesmo lugar de existência e “lugar de fala” (RIBEIRO, 2017) na sociedade. Compreender o nível de participação requer a compreensão da mobilidade social do indivíduo em diferentes espaços e lugares na sociedade, e dentro da própria comunidade. Nesse sentido, as CP de um rapaz, negro, estudante, morador da periferia de Redenção não podem ser as mesmas de um rapaz branco, produtor rural e residente no núcleo urbano desse município.

O acesso aos diferentes espaços limita o acesso a grupos, a repertórios linguísticos e às comunidades de prática. Dessa forma, a construção do sentido de comunidade, inserindo os diferentes corpos políticos e seus lugares de existência e de fala, deve ocorrer a partir de uma relação política na sociedade, sendo compreendida pela perspectiva da participação.

4 PRÁTICAS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia empregada envolveu a definição de “células sociais”, baseada na pesquisa laboviana, que fundamentou a seleção dos(as) coparticipantes. Os fatores escolhidos foram: gênero/sexo⁴ (masculino/feminino), faixa etária (Faixa I – 18 a 26 anos / Faixa II – 27 a 36 anos) e escolaridade (Ensino Fundamental/ Ensino Médio/ Ensino Superior).

Para gerar a materialidade empírica do trabalho, foram realizadas entrevistas gravadas com 12 sujeitos, nascidos(as) em Redenção, ou que tenham vivido grande parte de sua vida nesse município. Essas entrevistas/encontros aconteceram em dois momentos distintos: 1º momento – contato inicial e realização das conversas, quando foi gerada a materialidade empírica para a pesquisa. Foram realizadas no período de outubro/2018 a abril/2019; 2º momento – retorno com cada coparticipante, para observações e considerações desses(as) diante da materialidade empírica gerada para a pesquisa e a proposta de interpretação e discussão dos resultados. Foram realizadas de agosto/2019 a outubro/2019.

A seleção dos(as) coparticipantes ocorreu a partir de 3 (três) critérios diferentes: 1) contatos da rede social *Facebook* da pesquisadora; 2) contatos da rede familiar da pesquisadora; 3) contatos a partir de indicações, seja pelos(as) próprios(as) coparticipantes, seja a partir da indicação de pessoas que não participaram da pesquisa.

³ Esse é outro nome que caracteriza a região, muito utilizado entre pesquisadores do Sul e Sudeste do Pará, tendo em vista seu valor simbólico, ao considerar um “[...] território extraoficial, com fronteiras de caráter mais simbólico do que físico, que alcança todos os municípios da Diocese de Conceição do Araguaia, PA, se estendendo até o município de Marabá” (CARVALHO, 2018, p. 99).

⁴ Apesar do termo “sexo” ser o padrão para pesquisas de base laboviana, optamos pelo termo “gênero”, pela abrangência social e pelo caráter mais democrático que este apresenta. Contudo, durante as entrevistas, ocorreu a relação cisgênero na resposta dos(as) coparticipantes, o que nos fez destacar o fator como gênero/sexo e as respostas como masculino e feminino. Para estimular a discussão, recomenda-se a leitura do texto de Rezende e Silva (2018), que trata sobre o emprego de símbolos como @ e X na marcação do gênero/sexualidade relacionado à desobediência linguística e à normatividade da língua.

No Quadro 1, abaixo, é apresentado o perfil sociocultural dos(as) coparticipantes desta pesquisa.

| | Sujeito | Idade | Escolaridade | Estado Civil | Ocupação | Nº | Cor | |
|-----------|---------|-------|--------------|--------------|------------------------|----|-----|----------|
| FEMININO | RECAR | 19 | E. Médio | Solteira | Estudante | 06 | PR | Faixa I |
| | RETCC | 22 | E. Superior | Solteira | Auxiliar de Escritório | 07 | PA | |
| | RESSN | 25 | E. Fund. | Solteira | Auxiliar de limpeza | 12 | * | |
| | REMCS | 30 | E. Superior | Solteira | Técnica de Enfermagem | 01 | * | Faixa II |
| | REJPSS | 32 | E. Médio | Divorciada | Cabeleireira | 02 | PR | |
| | REJAA | 32 | E. Fund. | Casada | Manicure | 08 | * | |
| MASCULINO | REBRMP | 19 | E. Médio | Solteiro | Estudante | 05 | PA | Faixa I |
| | REAPS | 20 | E. Fund. | Solteiro | Serviços Gerais | 10 | PA | |
| | REMVVN | 25 | E. Superior | Solteiro | Técnico em Informática | 09 | BR | |
| | REMLDS | 27 | E. Fund. | Solteiro | Produtor Rural | 03 | BR | Faixa II |
| | REND CB | 28 | E. Médio | Solteiro | Promotor de Vendas | 11 | PA | |
| | RERMS | 30 | E. Superior | Casado | Motorista | 04 | * | |

Quadro 1: Perfil sociocultural dos(as) coparticipantes da pesquisa

Fonte: Elaboração própria (2019)

Notas: Sinais convencionais utilizados:

* Sem autodeclaração.

Siglas: PA – Parda / PR – Preta / BR – Branca

Todos(as) os(as) coparticipantes estão identificados(as) por uma sigla iniciada por RE (Redenção), seguida das iniciais dos nomes de cada um(a). Na última coluna, os(as) coparticipantes também são identificados(as) por um número de ordem, que faz referência à ordem em que ocorreram os encontros.

Ressalta-se que nem todos(as) os(as) coparticipantes aceitaram participar do 2º momento de entrevista, sendo realizado com 08 (oito) dos(as) 12 (doze) coparticipantes iniciais. Os(as) coparticipantes que não participaram desse momento foram os de número 01, 04, 08 e 12.

5 NO CAMINHO SOCIOLINGÜÍSTICO: INTERPRETAÇÃO SITUADA DA VARIANTE

Ao final do primeiro contato com os(as) coparticipantes da pesquisa, deparamo-nos com as seguintes situações linguísticas com relação à ocorrência da variante [ɹ]:

- 1) Dos(as) 12 (doze) coparticipantes da pesquisa, 03 (três) realizaram a variante [ɹ]: REMLDS (masculino, 27 anos, produtor rural), RECAR (feminino, 19 anos, estudante) e REJAA (feminino, 32 anos, manicure);

- 2) A variante [ɹ] ocorreu somente no contexto pós-vocálico, como em *córrego* > *córgo* ['kɔɹgɔ] e *diversidade* > *diversidadi* [dʒiveɹsi'dadʒ];
- 3) Todos os(as) coparticipantes realizaram a fricativa glotal [h] ou o apagamento ([∅]) da variável <R> em posição pós-vocálica. Exemplo: *se[h]viço* / *pa[h]ticula[∅]*. Isso mostra que o uso da variante retroflexa não é categórico no repertório dos(as) coparticipantes.

Com relação aos aspectos linguísticos, constatou-se que a ocorrência do padrão presente no PB quanto à realização do “r fraco” (/r/) e “R forte” (/R/) (CRISTÓFARO-SILVA, 2001), ou seja, na posição início de palavra, houve a predominância da variante fricativa [h], como em *Redenção* [h e d ẽ 's ã ɔ]; *região* [h e ʒ i 'ã ɔ]; e, no contexto intervocálico, ocorreu par mínimo: o contraste fonêmico entre /r/ e /R/, como era ['ɛ r ə] / *erra* ['ɛ h ə]; *moro* ['m ɔ r ɔ] / *morro* ['m o h ɔ]. Todavia, no contexto pós-vocálico, houve variação, com a alternância entre 3 (três) variantes: [h] (fricativa glotal), [ɹ] (retroflexa alveolar) e [∅] (zero fonético ou apagamento).

Apesar disso, podemos afirmar que, para a realização da variável <R> entre os(as) redencenses, a variante [h] pode ser considerada a variante padrão ou não marcada, no contexto final de sílaba interna, caracterizando o que as pessoas participantes da pesquisa consideraram uma “fala normal”. A realização da variante [ɹ], por seu turno, no mesmo contexto, está associada, de acordo com a percepção das pessoas participantes da pesquisa, a uma “fala diferente”, isto é, uma fala marcada.

Diante do exposto e considerando que “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (LABOV, 2008, p. 21), a proposta seguinte é interpretar e discutir as percepções e avaliações da variante [ɹ] pelos(as) coparticipantes da pesquisa.

5.1 INTERPRETAÇÃO PARTILHADA DA MATERIALIDADE EMPÍRICA

Compartilhamos parte das percepções e avaliações realizadas pelos(as) coparticipantes a respeito da materialidade empírica da pesquisa. Essas foram divididas em subseções para maior clareza da apresentação.

5.1.1 A variante retroflexa no município: reconhecimento, nomeação e explicação

Durante a apresentação do fenômeno linguístico em pauta, a maioria dos(as) coparticipantes confirmou já ter percebido a realização da variante [ɹ] no município redencense. Alguns(mas) destacaram suas próprias formas de nomeação da variante, que foram “erre puxado”, “falar arrastado”, “puxadinho do erre” e “erre goiano”.

A nomeação do fenômeno linguístico, neste caso, é vista como reconhecimento da existência e da percepção desse som nesse espaço e, portanto, uma das formas sociolinguísticas de participação social na construção de redes de significação local (CASTANHEIRA, 2013).

Como justificativa para a ocorrência da variante [ɹ] nessa região, os(as) coparticipantes tanto a relacionaram com o contexto histórico-social do município, especialmente marcado pela migração de populações do centro-sul do Brasil (grupos migrantes dos estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais no município, e seus descendentes); quanto com os aspectos geográficos da região – o fato de o município estar mais próximo do estado do Tocantins e da região Centro-Oeste, do que da capital Belém.

Além disso, e esse é o ponto que mais nos interessa, a variante [ɹ] foi relacionada à ideia de uma “tradição” ou uma “cultura caipira” presente na região. O coparticipante REMLDS, que usa a variante [ɹ], destaca: “É o ramo [agropecuário] que tem/ a tradição está lá dentro ... a tradição de mexer com gado, jeito de tocar o gado, jeito de falar ... as músicas que escuta, entendeu, tudo, rodeio tudo está aí”.

Observamos que a associação que os coparticipantes da pesquisa fazem entre o uso da variante [ɹ] e o meio rural e suas tradições, como a música sertaneja, ou “modão caipira”, em Redenção, diz respeito ao um meio rural reconfigurado como espaço do

agronegócio. Um espaço que marca lugares e posições dentro da comunidade, relacionado ao contexto de exploração e colonização do espaço amazônico. Particularmente, um espaço de alto poder econômico e social.

A percepção do coparticipante REMVVN, exposta no excerto (1) abaixo, reforça essa percepção e associa o uso da variante [ɾ] tanto à classe econômica quanto ao aspecto de “ser de fora”.

(1) As pessoas que detêm o ... esse monopólio aí ... ter fazendas grandes, gados ... a maioria são de fora, então eles trazem muito essa cultura do erre puxado [...] porque eu tenho pouca ... convivência com esse pessoal mas, eu acho que, as poucas vezes que eu percebi, realmente, quem é mesmo/ fica à frente, as pessoas de ... mais ricas, elas têm esse sotaque mesmo ... por a/ exatamente por isso, por ser de fora, são pessoas de fora.

(REMVVN, 25 anos, masculino)

Apesar disso, há aqueles(as) que não reconhecem o fator econômico como uma variante extralingüística importante, como apontado nos excertos (2) e (3) abaixo:

(2) Do poder aquisitivo nem tanto, porque têm/têm pessoas que puxam o erre porque vieram mesmo pra cá, os pais vieram, é ... foi transferido de serviço e acaba vindo pra cá não por questão ... de de ter mais dinheiro mas por serviço, de transferência, né.

(RETCC, 22 anos, feminino)

(3) Porque assim, tem gente que/ quando a gente nasce ... nasce com aquela/ ... de família mesmo ... igual os paranaenses, todos são ... têm aquele sotaque deles. Tanto faz nascer aqui ou nascer lá, ou pobre ou rico, todos eles têm ... o sotaque ... mas quem fala mesmo assim mesmo são ... os que moram na roça, aqueles que têm o sotaque mesmo.

(REJPSS, 32 anos, feminino)

As coparticipantes apontam a motivação do uso dessa variante, no município, pela origem do falante, a qual prescinde do poder aquisitivo, isto é, a seleção da variante [ɾ] independe de o(a) falante ser rico ou pobre, o que importa é o lugar de onde ele(ela) veio ou a origem da família em que nasceu.

Outra questão apontada foi a relação da variante ao contexto rural do município, sendo difícil a associação ao contexto urbano. Para embasar esse ponto, apresento o excerto (4) da fala da coparticipante REJPSS:

(4) O povo da roça sempre fala assim. [...] Menino, se tu for lá, tu vai longe porque é longe. [...] Lá para o rumo da Sariema, que nós morávamos pra lá e a gente vai direto pra roça ali, direto eles falam assim. [...] Tem uns pessoal que são ... de Goiás/ é tudo misturado igual eu te falei. Tem uns que vieram de Goiás, outros vieram do do Maranhão ... do Piauí, mas esse povo nordestino, eles nunca puxam o erre demais [...] mas os da roça mesmo, aqueles antigão mesmo, eles sempre puxam.

(REJPSS1, 32 anos, feminino)

As situações de urbanidade da variante são compreendidas pela mobilidade de alguns sujeitos entre esses diferentes espaços (rural e urbano), especialmente, os produtores rurais. Inclusive um dos coparticipantes, REMLDS, é exemplo dessa realidade. Ele é produtor rural, possui fazenda no município de Santa Maria das Barreiras-PA, mas vive em trânsito entre a zona rural desse município e a zona urbana de Redenção. Essa mesma mobilidade foi apontada por ele para relacionar a variante retroflexa com pessoas da faixa econômica mais baixa, conforme ele explica no excerto (5):

(5) Eu acho que é menos pessoas do poder aquisitivo [...] que fala mais [a variante], porque a pessoa/ ... quem tem dinheiro viaja, conhece mais coisa, quem não tem vive no mundinho.

(REMLDS2, 27 anos, masculino)

A partir desse apontamento, compreendemos que além de poder viajar, o sujeito economicamente mais estável (o qual é entendido

como o dono da fazenda ou o grande produtor rural), tem oportunidade de transitar e participar em outros grupos, influenciando seu repertório linguístico. As pessoas que apresentam pouca mobilidade, as quais aqui são relacionadas aos trabalhadores rurais ou ao pequeno produtor, manteriam um vínculo mais estreito, garantindo a normatização linguística, que nesse contexto é caracterizada pela realização da variante [ɹ].

Nesse sentido, ficam duas percepções sobre o uso da variante [ɹ]: uma mais urbana, em que a variante é avaliada pelo estereótipo social do produtor rural, destacando seu poder econômico; e outra mais rural, em que a realização da variante [ɹ] não está relacionada à classe econômica, mas à origem migrante dessas pessoas (especialmente o goiano e o mineiro) e pela sua localização no espaço rural do município.

5.1.2 Impressões e percepções: o normal e o diferente, o natural e o “forçado”

Apesar de reconhecerem a existência da variante [ɹ] no município, os(as) coparticipantes não a consideram como um traço linguístico característico de falantes “nativos” de Redenção, estando associada a pessoas de fora do município. Essa constatação é confirmada na fala da coparticipante RETCC, que aponta a variante fricativa [h] como a variante não marcada: “O erre daqui [Redenção] é o erre arrastadinho normal”. E, mesmo aqueles(as) que apresentaram a ocorrência desse fonema em suas falas, reconhecem essa diferença, como destacado por REMLDS, único coparticipante que realizou a variante retroflexa: “Tem gente que fala mais normal, sem puxar”.

Todavia, o sentido de “normal” e “diferente” é relativo. A realidade anteriormente destacada é comum entre aqueles(as) que não realizaram a variante retroflexa, porém, se altera entre os(as) coparticipantes que a realizaram. Entre esses(as), o “normal” é a variação, com a realização de ambas as variantes, como mencionado por REMLDS: “Pra mim, eu falo normal, como qualquer um”. A variação é percebida e sentida através do olhar do outro, cujos comentários ressaltam a diferença: “Tu é do Goiás? Tu é do Sul? Tu não é daqui [Redenção] não, né”. A coparticipante RECAR também resalta essa realidade: “Eu mesmo assim não percebo, né. As pessoas falam pra mim que eu tenho essa mania de puxar o erre”.

Além dessa variante se destacar como alheia à comunidade redencense, semelhante perspectiva também contribui para a análise do que é aceito como natural na realização da variante [ɹ]. Segundo os coparticipantes RENDCB e REBRMP, algumas pessoas fazem uso da variante de um jeito não natural, “forçado”, conforme apresentado nos excertos (6) e (7):

(6) Eu já vi muita gente assim, conversando que nasceu aqui em Redenção, paraense tem os que/nada a ver, os parentes até do ...do Maranhão mas ... quer falar arrastando, acho que por causa de questão de modinha, porque tá na moda é ... porque gosta muito de negócio de pecuária essas coisas, agropecuária.

(RENDCB, 28 anos, masculino)

(7) Algumas é um pouco forçado [...] às vezes nem sabe, né, se a pessoa é, ou então, sabe que a pessoa é, tipo, de Redenção, aí vê ela faz/usando o erre, aí fica assim: “Hum, olha lá”, fica ... sabe, fica tipo ... “querendo inventar modinha, nem é/ fica inventando ... fica puxando, forçando”

(REBRMP, 19 anos, masculino)

A partir dessas falas, observa-se que existe a alteração da pronúncia da variante [ɹ] por parte de alguns indivíduos redencenses. Essa alteração, em alguns casos, é marcada por uma escolha social e estilística (LABOV, 2008) relacionada à tradição agropecuarista presente no município, com a qual a pronúncia da variante [ɹ] está associada.

Inferre-se da percepção dos(as) coparticipantes, um julgamento social, que considera o uso “forçado” da variante [ɹ] por “modinha”, pois para eles(as), a variante [ɹ] ou não faz parte da “fala normal” desses sujeitos ou, se fizer e quando faz, não é de uma forma tão acentuada. Para esses(as) coparticipantes, o motivo dessa alteração está associada à brincadeira ou à gozação, porém também pode ser considerada uma forma de inserção em determinada comunidade, como apontado pelo coparticipante RENDCB (excerto 6).

Nesse caso, a relação de “modinha”, apontado pelos(as) coparticipantes, refere-se a tradição agropecuarista na região que favorece o uso da variante [ɹ]. É um estilo de vida baseada em fazendas ou roça, rodeios, criação de gado e música sertaneja. Esse estilo é fortalecido pelas feiras de agropecuária que existem na região, como a *Expo Polo Carajás* que ocorre em Redenção e que proporciona a materialidade discursiva de uma cultura hegemônica do agronegócio na região (CARVALHO, 2018). Compreende-se que alguns sujeitos no município sentem-se influenciados por essa tradição, e propõem meios de participar dela, como, por exemplo, com a alteração linguística em suas falas, reforçando a relação intrínseca entre a variante [ɹ] e o ramo agropecuarista na região.

Com isso, apesar dessa variante ressaltar a diferença, é possível reconhecer uma avaliação social que valoriza aspectos da tradição agropecuarista no município, agregando prestígio social ao uso da variante retroflexa.

5.1.3 A variante retroflexa entre prestígios e preconceitos

Nesta etapa, nosso interesse é perceber como os(as) coparticipantes avaliam a ocorrência da variante retroflexa dentro do município, tensionando o preconceito linguístico. Para a maioria dos(as) coparticipantes, quem realiza essa variante não sofre preconceito, pois essa pode ser considerada “normal” e “naturalizada” no município. Tal aspecto é compreendido pela ideia da convivência, visto que, conforme abordado anteriormente, sociolinguisticamente, essa variante não identifica o(a) redencense, porém está muito presente na região ao se considerar o caráter histórico de colonização e das migrações.

Apesar disso, os(as) coparticipantes destacam que é comum ocorrerem brincadeiras com relação à ocorrência da variante. Todavia, essas não se associam à ideia de preconceito, pois esse carrega o conceito de discriminação, o que, segundo esses(as) coparticipantes, não ocorre no município.

Contudo, em pesquisa realizada nas escolas da rede municipal, Carvalho (2019) recebeu o relato de uma professora que se sentiu discriminada com relação a seu sotaque, justamente, pelo uso da variante retroflexa. No contexto escolar, a marcação da diferença foi destacada tanto entre os(as) alunos(as) quanto entre os(as) colegas da profissão.

Nesse sentido, as brincadeiras podem ser consideradas ações de cunho preconceituoso com relação à diferença. Nessa região da fronteira amazônica, as alteridades ainda são conflituosas e no que se refere à questão linguística elas podem ser compreendidas através dessas brincadeiras. No caso da professora, questões de poder e hierarquia, e ainda o fator da idade (adolescentes vs adultos), podem influenciar para que tais diferenças sejam acentuadas, especialmente num contexto tão complexo e diverso como o escolar.

Com relação à variante retroflexa, semelhante situação ocorre entre os(as) coparticipantes. A coparticipante RECAR, ao explicar a diferença entre a fala dos dois lugares de sua convivência (São Paulo e Redenção), faz uma avaliação mais positiva da forma de falar da comunidade de São Paulo em detrimento da forma de falar da comunidade de Redenção, conforme segue:

(8) O pessoal de São Paulo tem um modo de falar de *etiqueta*, modo mais moderado com palavras certas, aqui tem sotaque diferente, e já percebe no modo de falar.

(RECAR, 19 anos, feminino)

Diante desse comentário, foi-lhe questionado se em Redenção as pessoas falavam errado; ela tentou explicar-se, contudo permaneceu na comparação entre uma forma de etiqueta de falar vs um falar com sotaque. Em sua fala, emerge o sentido da “mistura” que caracteriza a região e conseqüentemente a linguagem no município, trazendo um aspecto mais negativo. A ideia de uma língua mais próxima do padrão, sem muita variação, é enaltecida em favor da fala de São Paulo.

Considerando essas avaliações e observações, a realização da variante [ɹ] na comunidade redencense está relacionada a três fatores: 1) estar vinculada a pessoas de fora da região; 2) estar relacionada a comunidades da zona rural do município; 3) estar mais associada a pessoas de menor poder aquisitivo.

Esses fatores direcionam a compreensão dessa variante como um estereótipo sociolinguístico estigmatizado nessa comunidade,

reforçando os resultados de outras pesquisas da área, como Rezende (2005, 2013) e Silva (2012). Nesses, a variante retroflexa é apontada como um estereótipo sociolinguístico, associado à cultura caipira, tendo em vista o percurso histórico e social de sua relação com pessoas de comunidades rurais ou interioranas e a pessoas de baixa escolaridade.

Contudo, na realidade de Redenção, a associação com uma cultura caipira passa por um processo de resignificação, estando associada ao contexto de uma tradição agropecuarista e sertaneja, como apontado na fala do coparticipante REMLDS, excerto (9), a seguir:

(9) Eu acho que/ mais do jeito/ de fazenda, essas coisa, do estilo que escuta música, música caipira, então ... [eu escuto] muito, música caipira e sertanejo universitário, então/ ... desde pequeno, ouvindo música sertaneja, entendeu [...]

(REMLDS2, 27 anos, masculino)

Neste caso, essa realidade caipira aproxima-se mais da proposta apresentada por Aguilera e Silva (2015) quanto à nova configuração do caipira, na qual aquela se reveste de novas associações e vínculos com a cultura *country* americana, como exemplificado na Figura 1, a seguir:

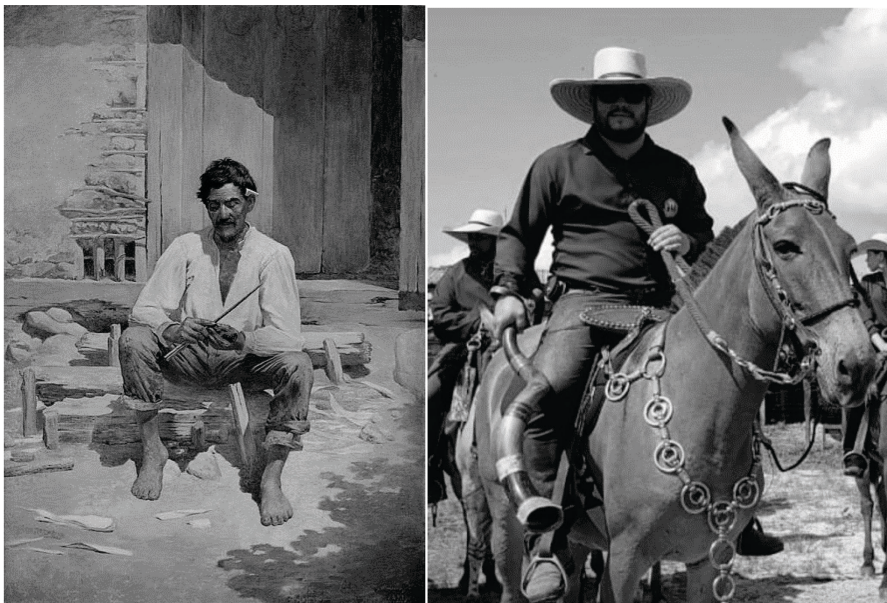


Figura 1: Reconfiguração da figura do caipira

Fonte: Imagem da esquerda (ALMEIDA JÚNIOR, 1893)

Imagem da direita: Arquivo pessoal (2019)

A imagem da esquerda é uma pintura de Almeida Júnior, do ano de 1893, com o nome de “Caipira picando fumo”. Traz em destaque o estereótipo do caipira roceiro: homem de pele escura, de pés descalços, roupa gasta e remendada, representando a pobreza e o atraso nacional, como o “Jeca Tatu”, de Monteiro Lobato. De acordo com Oliveira (2003), o quadro também destaca a simplicidade e o isolamento social que marcam a vida do caipira, pela sua relação com a roça e comunidades rurais.

A imagem da direita é uma fotografia de um homem branco, agropecuarista, bem vestido e imponente. O estilo *country* é destacado, especialmente pelo uso do jeans e das botas. Essa imagem representa o novo caipira, relacionado ao sucesso e ao desenvolvimento do agronegócio, caracterizando uma realidade de grandes e ricas fazendas na região do Araguaia Paraense. Conforme Oliveira (2003) e Alem (2005), essa reconfiguração está vinculada à ideia de nova ruralidade presente no Brasil, com destaques para as grandes feiras agropecuárias e o rodeios, sendo fomentada especialmente, a partir da década de 80, quando ocorre o avanço do

agronegócio em nível nacional e internacional – o *agrobusiness*.

Nesse sentido, as identidades e comunidades rurais reconfiguram-se para uma construção de uma “rede simbólica da ruralidade e da identidade *country*” (ALEM, 2005, p. 96), alcançado o contexto urbano, retirando do amplo isolamento que aquelas comunidades enfrentavam, para colaborar na construção de uma cultura do *country* brasileiro (OLIVEIRA, 2003). Como explica Alem (2005, p. 96):

Os rodeios e festas do peão, junto com exposições, feiras, *shows* de duplas sertanejas, festivais de música, eventos esportivos, rituais cívicos, religiosos e outros eventos ruralistas, estão no centro de uma nova rede de práticas e representações da categoria rural, que envolve públicos massivos, fomenta formas inovadas de sociabilidade por meio do entretenimento e, principalmente, expande o consumo de símbolos ruralistas em diversos espaços sociais rurais e urbanos.

Em Redenção, essa é uma realidade presente, apontada nos comentários dos(as) coparticipantes e também percebida entre as manifestações culturais da região. Junto a esse contexto, a realização da variante retroflexa torna-se marca linguística dessa realidade, agregando certo valor social à sua realização.

Diante disso, apesar de, à primeira vista, a variante [ɹ] apresentar-se como um estereótipo sociolinguístico estigmatizado, ela apresenta um *status* particular, especialmente vinculada à cultura *country* brasileira presente na região e pela evocação ao contexto agropecuarista que caracteriza diferentes redes e espaços de participação hegemônicos e subalternos no município.

De certa forma, no contexto mais urbano, abordado pela pesquisa, é possível afirmar que a variante [ɹ], em Redenção, apresenta um prestígio sociolinguístico, favorecido pela realidade exposta anteriormente. Observa-se que diferentes indivíduos esforçam-se para participar de uma comunidade que valoriza a “tradição agropecuarista” e, por conseguinte, todas as relações simbólicas relacionadas a ela, tais como o contato com a zona rural, em toda a sua complexidade atual; o estilo de roupas, calçados e acessórios – *country* brasileiro ou o novo caipira; e na linguagem, a variante [ɹ] como traço sociolinguístico tipificador. Isso explica a percepção que alguns(mas) coparticipantes têm da realização natural/forçada da variante [ɹ] na fala dos(as) redencenses. Inclusive, o coparticipante REBRMP fez o seguinte comentário (excerto 10), ao perceber a relação da variante com o poder aquisitivo dos sujeitos dentro do município e na região:

(10) Eu achei bacana essa parte da ligação de que quem puxa o erre, geralmente, é quem tem mais bens. Se for parar pra ver, sabe, é verdade. Eu, por um lado, eu fiquei triste porque eu não puxo. ((risos)) [Significa que] ... eu sou pobre. Minha origem não é rica não. ((risos))

(REBRMP, 19 anos, masculino)

Cumpramos ressaltar que essa proposta não foi totalmente aceita pelos(as) demais coparticipantes, tendo em vista, o contexto mais rural relacionado a ela e às diferentes razões que motivaram os variados grupos populacionais para essa região, não estando apenas ligados ao contexto rural e agropecuarista.

Como também foi apontado, a inserção nessa comunidade é algo passível de conflitos, visto que as relações são marcadas por diferentes corpos, diferentes historicidades e diferentes lugares. Há quem use a variante, mas não se relacione ao contexto rural ou agropecuarista, como é o caso da coparticipante RECAR, jovem negra, dentro dessa comunidade, que, apesar de receber o mesmo sinal da “diferença” no aspecto linguístico, a ela se ligam outras feridas, outras histórias, que muito divergem das do coparticipante REMLDS, homem branco, produtor rural, que está inserido nessa “tradição”, mas se sente tão redencense quanto qualquer um(a) dos(as) demais, apesar dessa variante ser também uma marca da diferença em sua fala.

São demasiadas histórias e perspectivas, cujas maiores marcas de participação são a diferença e a mistura, num processo de (re)construção de identidade numa comunidade historicamente marcada pela colonialidade e pela alteridade nas relações de poder e de lugar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da variante retroflexa no contexto do município de Redenção demonstrou a heterogeneidade sociolinguística envolvendo sua realização e avaliação social. Por um lado, a [ɹ] mantém o estigma nacional de estereótipo sociolinguístico (LABOV, 2008), como um fator sociolinguístico da diferença, pelos seguintes pontos:

- 1) Não representa a fala “normal” da comunidade urbana redencense – a variante [h] foi reconhecida como a variante padrão para a realização da <R>, especialmente, em contexto de final de sílaba interna;
- 2) Está associada a pessoas “de fora” da região – relacionadas, principalmente aos migrantes de estados como Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e São Paulo;
- 3) É alvo de brincadeiras relacionadas ao caráter “forçado” de sua realização;
- 4) Está associada ao contexto mais rural, independentemente da classe econômica do sujeito.

Apesar disso, o que se entende por contexto rural é aqui favorecido pela reconfiguração do espaço – o meio rural é o espaço do agronegócio; e a reconfiguração do *caipira* (AGUILERA; SILVA, 2015), baseada na figura do fazendeiro, homem de negócios, bem sucedido e índice de uma cultura *country* americana presente no contexto brasileiro (ALEM, 2005; OLIVEIRA, 2003). Essa relação justifica uma avaliação social mais positiva com relação à realização da variante [ɹ] entre os redencenses.

Tal percepção vai de encontro à hipótese inicial da pesquisa, que defendia a proposta do prestígio encoberto (LABOV, 2008), quanto à realização da variante [ɹ] em Redenção. No caso em questão, esse prestígio não é tão velado como se pressupunha, visto que, há várias demonstrações do valor altamente prestigiado que a variante [ɹ] apresenta dentro da comunidade, especialmente vinculado ao agronegócio com as grandes feiras agropecuárias.

Além disso, o material empírico desta pesquisa demonstrou que a concorrência entre a variante [ɹ] e a variante [h], em Redenção e em todo o Sul do Pará, é a representação, na linguagem, das lutas sociais, culturais e econômicas na região; representa a dominação dos “de fora” sobre os “de dentro” e marca quem é e de onde é o “de fora” que está entrando e dominando o espaço.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A.; SILVA, H. C. da. Uma nova configuração do caipira: ecos do /r/ retroflexo. *Revista da ABRALIN*, [S.l.], v. 14, n. 1, ago. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42490>. Acesso em: 14 ago. 2018.
- ALMEIDA, R. H. *Territorialização do campesinato no sudeste do Pará*. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/1979>. Acesso em: 10 dez. 2018
- ALMEIDA JÚNIOR, J. F. *Caipira picando fumo*. 1893. 1 original de arte, óleo sobre tela, 202 x 141 cm. Coleção Pinacoteca do Estado de São Paulo. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Caipira_picando_fumo.jpg. Acesso em: 20 set. 2019.
- ALEM, J. Rodeios: a fabricação de uma identidade caipira-sertanejo-country no Brasil. *Revista USP*, n. 64, p. 94-121, fev. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13394>. Acesso em: 07 dez. 2019.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 1920. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000004.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2018.

BAZZO, M. G. *Um olhar sociolinguístico sobre a linguagem em Redenção (PA): aspectos fonético-fonológicos*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Pará, Redenção, 2012.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do –r retroflexo. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 10/2, p. 265-283, dez. 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/4448/5073>. Acesso em: 05 jul. 2018.

BENTES, E. dos S.; AMIN, M. M. Influência do processo migratório no desenvolvimento sustentável da Amazônia. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 53., 2005. *Anais [...]*. Ribeirão Preto: [s.n.], 2005. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/2/496.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2018.

CARREÃO, V. A variante rótica retroflexa no português brasileiro: uma caminhada pela linguística histórica. *Sociodialeto*, v. 7, n. 20, p. 84-118, nov./ fev. 2017. Disponível em: <http://sociodialeto.ojs.gloa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/10>. Acesso em: 30 jun. 2019.

CARVALHO, J. R. de. *Ensino de geografia, discursos e o espaço cultural escolar: diferenças e identidades etnicorraciais e regionais em escolas pública de Redenção, Pará*, 2019. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 2019. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9657>. Acesso em: 16 jun. 2019.

CARVALHO, J. R. de. Cultura e relações de poder : modos de territorialidades hegemônicas e de resistências subalternas em Redenção, Sul do Pará. In: CARVALHO, J. R. de; LIMA, M. P. (org.). *História, cultura, educação e sentidos identitários no Vale do Araguaia Paraense*. Goiânia: Kelps, 2018. p. 96-123

CASTANHEIRA, K. A. de A. F. *Guaimbê: a construção de uma comunidade de participação por meio de práticas de nomeação*. 2013.113 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3104> Acesso em: 13 jan. 2019.

FAPESPA. Fundação Amazônia de Amparo a Estudo e Pesquisas. Diretoria de Estatística e de Tecnologia e Gestão da Informação. *Estatísticas Municipais Paraenses: Redenção*. Belém, 2017. Disponível em: <http://www.fapespa.pa.gov.br/upload/Arquivo/anexo/1252.pdf?id=1535222491>. Acesso em: 09 ago. 2018.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392 p.

LEITE, C. M. B. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268969>. Acesso em: 14 ago. 2018.

MIGNOLO, W. Epistemic disobedience, independent thought and de-colonial freedom. *Theory, cultura and society*, v. 26 (7/8), p. 1-23, 2009. Disponível em: <http://waltermignolo.com/wp-content/uploads/2013/01/epistemicdisobedience.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2018.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Trad. Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/traducao.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2018.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 10-14.

OLIVEIRA, L. L. Do Caipira Picando Fumo a Chitãozinho e Xororó, ou da roça ao rodeio. *Revista USP*, São Paulo, n. 59, p. 232-257, set./ nov. 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13291>. Acesso em: 07 dez. 2019.

OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. A pronúncia de (-r) em coda silábica no português paulistano. *Revista do GEL*, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2011. Disponível em: http://projetosp2010.fflch.usp.br/sites/projetosp2010.fflch.usp.br/files/OUISHIRO-MENDES_2013-RCoda-SP.pdf. Acesso em: 14 ago. 2018.

PAES, M. H. Ss. *A variável (R) em coda silábica medial no bairro Várzea, em Lagoa Santa-MG*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1637M.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2019.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú indígena*, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em: <http://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

REZENDE, T. F.; SILVA, D. M. da. Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasure a normatividade da língua portuguesa. *Porto das Letras*, v. 4, n. 1, p. 174-202, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/5534>. Acesso em: 15 jul. 2019.

REZENDE, T. F. Tendências à padronização da realização fonética do /r/ em Goiás. In: CARDOSO, C. R.; SCHERRE, M. M. P.; LIMA-SALLES, H. M. M.; PACHECO, C. (org.). *Variação linguística – contato de línguas e educação*. Campinas: Pontes, 2013. p. 15-35.

REZENDE, T. F. Falares rurais brasileiros. *Revista UFG*, Goiânia, v. 7, n. 1, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/download/49115/24115>. Acesso em: 07 abr. 2019.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

RONCARATI, C. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário*, n. 36, p. 45-46, 1. sem. 2008. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/36/artigo2.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.

SANTOS, B. de S. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. 4. ed. São Paulo; Cortez, 2002.

SILVA, H. C. da. *O/R/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas*, 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000176577>. Acesso em: 01 jul. 2019.

VAZ, V. *A formação dos latifúndios no sul do Estado do Pará: terra, pecuária e desflorestamento*. 2013. 166 f., Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14836>. Acesso em: 14 abr. 2019.



Recebido em 21/12/2020 . Aceito em 15/02/2021.